

# CAMINHOS E DESTINOS DA CULTURA DO BARROCO: DOIS ANTÓNIOS EM CONFRONTO

PEDRO VILAS BOAS TAVARES\*

ZULMIRA SANTOS\*\*

**Resumo:** *Tendo como pano de fundo a parenética produzida ao longo do barroco, este estudo chama a atenção para as figuras de Frei António das Chagas e do Padre António Vieira, realçando a sua importância na moldura espiritual e cultural da época.*

**Palavras-chave:** *Frei António das Chagas; Padre António Vieira; parenética; barroco.*

**Abstract:** *Having as a backdrop the sermonary produced throughout the Baroque period, this study draws attention to the figures of Friar António das Chagas and Father António Vieira, highlighting their importance in the spiritual and cultural framework of the time.*

**Keywords:** *Friar António das Chagas; Father António Vieira; sermonary; Baroque.*

*Toutes les sources sont en toi*

*De la musique de la foi*

*De la poésie*

*La source de vie en ton sang*

*En tes lois le fondement*

*De toute harmonie*

Raïssa Maritain, *Frontières de la poésie* (1935)

1. Por ocasião e com motivo da comemoração do centenário do nascimento de Maria de Lurdes Belchior Pontes, nomeadamente num congresso subordinado ao tema *Maria de Lourdes Belchior: a Mulher e os Livros*, impossível subtrairmo-nos a referir, ainda que brevissimamente, a profunda admiração e influência que, pessoalmente, e no seio do grupo de investigação e estudo de *História da Espiritualidade* liderado por José Adriano de Freitas Carvalho, sentimos pela pessoa da homenageada, personalidade intelectual e académica, justamente prestigiada dentro e fora das fronteiras da lusofonia.

Na linguagem de Agustina (*Aforismos*) «não se pode falar das obras sem falar das pessoas. As pessoas são viajantes nas suas obras, e não se pode falar destas sem surpreender quem nelas caminha». Ainda beneficiamos do privilégio de conhecer pessoalmente esta especialista da literatura e da cultura portuguesas, sobretudo dos séculos XVI-XVIII —, de si mesma se declarando «existencial-

---

\* CITCEM-FLUP (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: [ptavares@letras.up.pt](mailto:ptavares@letras.up.pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6716-5625>.

\*\* CITCEM-FLUP (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: [zcoelho@letras.up.pt](mailto:zcoelho@letras.up.pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-4470>.

mente comprometida na decifração dos sinais dos tempos de hoje e crer que a criação literária é uma das chaves desta decifração» (Belchior 1980, p. 101).

2. Em matéria de livros de Maria de Lourdes Belchior, talvez nenhum tenha tido maior impacto em nós, e certamente na maioria dos nossos colegas do Instituto de Cultura Portuguesa e do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da FLUP, do que *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII* (Lisboa, 1953), correspondente ao texto da sua tese de doutoramento em Filologia Românica apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, um «estudo notável, pioneiro e imprescindível para o estudo do período barroco em Portugal» (Belchior 1980, p. 101), conforme é geralmente reconhecido. E com esse barroco (Battistini, 2000) — uma arte, uma literatura, o enfoque crítico sobre toda uma vasta e complexa cultura, cujo «espírito», como bem sabia e experimentava Maria de Lourdes Belchior, sempre necessariamente nos projeta para grandes padrões e constantes culturais em permanente debate na nossa contemporaneidade, pelo menos desde Eugenio D’Ors<sup>1</sup>. Pessoalmente, no âmbito das pesquisas sobre o quietismo molinosista desenvolvidas no seio do nosso grupo de investigação, foram numerosas — naturalmente, nem poderiam deixar de ser — as vezes em que cruzámos com o rasto documental concreto da pastoral missionária e direção espiritual do *Fradinho*, sendo óbvia a verificação de quanto o *ex-capitão Bonina* marcou a cultura e a sociedade do seu tempo, e de quanto tinha sido benemérita e cheia de frutuosas e imperecíveis consequências para a comunidade científica a proposta hermenêutica do caminho percorrido na sua tese doutoral por Maria de Lourdes Belchior em torno do fundador do seminário franciscano das missões do Varatojo e do universo mental e espiritual do Seiscentos português.

Arrastando multidões, também António das Chagas gozou de grande aura e prestígio popular como pregador, acontecendo-lhe mesmo chegar a pregar na corte, como o Padre Vieira, nome maior das nossas letras que lhe queremos aqui «contrapor», «dois homens e dois estilos» do século XVII, pois só com ambos, com suas bem contrastadas e diferentes personalidades e perfis biográficos, e sem falta de nenhum deles, se pode compor um quadro equilibrado e inteiro do barroco português. Maria de Lourdes Belchior percebeu-o por dentro, com arguto e direto conhecimento crítico das respetivas obras, e enfatizou-o a seu tempo, deixando uma lição para todos os investigadores «seiscentistas»: a atenção ao texto, à necessidade de leitura cuidada e repetida, informada pelo contexto que, como acentuava Francisco Rico (1990) permite e sustenta, em função da profundidade do respetivo conhecimento, interpretações diversas e às vezes díspares. Foi uma leitora atenta e obstinada e as hipóteses de interpretação que estas breves notas propõem devem muito aos diferentes trabalhos que redigiu.

A conhecida carta dirigida a Duarte Ribeiro de Macedo, reproduzida em anexo, fixa-se num acontecimento que Vieira data de antes de 13 de novembro de 1674, identificando o autor de um sermão que, qual Jonas, apelava ao fim dos tempos «*Adhuc quadraginta dies et*

---

<sup>1</sup> *O Barroco*, de Eugenio D’Ors, marca ainda toda essa extensa reflexão e bibliografia ensaística do século XX: Díaz-Plaja 1983 e Rodríguez De La Flor 1999.

*Ninive subvertetur*», pregando com cerimónias «não usadas dos Apóstolos», de modo a fazer temer que, «se seguir a opinião ou apreensão vulgar, e se meter no ponto da fé, poderá ocasionar algum alvoroço semelhante ao do tempo de el-rei D. Manuel, não longe do mesmo lugar onde prega». Identificando Frei António das Chagas, Vieira adverte Ribeiro de Macedo, com crua ironia, que este primeiro sermão «prenúncios podem ser de alguma tempestade, que, se não se levantou nos primeiros dias, pode ser que se vá armando para o fim dos quarenta, que tantos são os sermões que tem prometido, e vai sucessivamente continuando todos os dias». A apreciação de António Vieira deixa transparecer, sem grande margem para interpretações diversas, uma diferente conceção da «arte de pregar», responsabilizando a encenação de Frei António das Chagas por perigos que prevê e que podem depender de uma excessiva emoção do auditório, provocada por estratégias que envolvem a «retórica» das palavras, mas também a dos gestos.

Para que possamos, na lição de Maria de Lourdes Belchior, comentar na letra do texto, esta «ligação» entre António Vieira e o *fradinho*, recordemos que este tinha nascido em 1631, e que nas palavras do jesuíta «é um capitão, grande poeta vulgar, chamado antigamente António da Fonseca, o qual se meteu frade de S. Francisco haverá oito ou dez anos, e hoje se chama Frei António das Chagas». Recordemos também que o empenho demonstrado na pregação em geral o levará à criação do seminário do Varatojo, como acima se referiu, alguns anos depois da data indicada, como alfobre de missionários de interior que pudessem «evangelizar» as populações mais afastadas das cidades. Neste enquadramento, olhemos a carta de Vieira e identifiquemos os pontos cruciais em que converge a argumentação expendida, procurando «iluminar» os termos de uma relação que, no texto em causa, se centram em formas diferente de encarar os meios e os objetivos da «arte de pregar»:

- a. Vieira identifica um «temor», que outros compartilham — «e com o mesmo me o escrevem de Lisboa concordemente três pessoas, que eu reputo pelas mais zelosas do serviço de S.A. e bem do reino», que causado pela pregação de Frei António das Chagas que descreve, acentuando o recurso a «cerimónias não usadas dos Apóstolos, como mostrar do púlpito uma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes um Cristo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes, com as quais, e com a opinião de santo, leva apòs si toda Lisboa».
- b. As estratégias parenéticas desenvolvidas pelo pregador em causa, o *fradinho*, parecem ter êxito «e com isto se entende que o dito pregador tem na mão os corações de todos, e os poderá mover a quanto quiser», sublinha Vieira, no sentido em que, embora inadequadamente, na opinião do jesuíta, alcançam o objetivo primordial do sermão, «movere», para depois suscitar e facilitar a persuasão. Aparentemente, assim sendo, Frei António das Chagas atinge, ainda que através de processos «criticáveis», os fins últimos da pregação levando o auditório ao «convencimento», circunstância que, na opinião de Vieira, se torna perigosa pelas consequências imprevisíveis a que pode conduzir.

3. António Vieira sentia-se à vontade na corte, no tráfego da vida social e política, na diplomacia e naqueles ambientes mundanos e intelectuais onde o serviço ao *Portugal Restaurado* e a um seu antevisto projeto imperial futuro (unificando global e fraternitariamente a Humanidade na Lei de Cristo) pudessem implicar o sacrificado, entusiástico e comprometido empenho da sua pessoa. Se ambos queriam mudar o mundo e reformar a sociedade, Frei António das Chagas, ao contrário do jesuíta, sentir-se-ia peixe fora da água se constringido à corte ou a qualquer forma de atuação política e temporal. Enquanto Vieira, inspirado nas Escrituras, na Tradição, no dogma católico e na antropologia teológica das realidades terrestres, ia precisando e delineando esboços da «*maquete*» do Mundo vindouro, antes da consumação dos tempos e da *Parusia*, Frei António «fugia do Mundo» para, à maneira do franciscanismo mais rigoroso e observante, tornar a forma de vida por si professada — ela própria — sinal público de antecipação das realidades escatológicas, e chamativa interpelação a imediata, urgente e radical *metanoia* de cada um dos seus destinatários, ouvintes ou dirigidos de espírito. Estilos diferentes do mesmo século, impressiona a forma como, com cru e experimentado olho clínico de observação política, António Vieira estranha, desconfia e ironiza impiedosamente relativamente às «novidades» pastorais com se apresentava o *fradinho*. O ângulo da ironia é quase sempre uma boa escolha, pela eloquência das ilações que os documentos autênticos do tempo permitem.

Relativamente à vida devota, às polémicas e crise do quietismo molinosista, tanto o diplomata Duarte Ribeiro de Macedo como o Padre Vieira, seu amigo e correspondente, eram bastante céticos quanto às altas espiritualidades místicas de gente pouco capacitada ou pouco dada a investimento ascético, ambos propendendo a tudo reduzir, simplificando, a heresias nascidas e desculpabilizadoras da «falta de domínio da carne»<sup>2</sup>.

Nessa época, nesses anos 70 de Seiscentos, quando Frei António das Chagas implantava «escolas» e núcleos de oração mental organizada, por serras e vales, em igrejas de norte a sul de Portugal, base para a experiência de um itinerário espiritual pessoal, contemplativo e unitivo, extensivo aos leigos, mulheres e homens (mesmo se «idiotas» e sem letras)<sup>3</sup>, já se fazia sentir um debate europeu, entre teólogos, pastores e políticos, sobre reais ou alegados «perigos» e consequências sociais do alargamento da chamada *oração de quiete*, no quadro de um vasto e ambicioso processo de renovação da piedade individual em curso, no qual, de facto (coloquialmente falando), muita coisa parecia correr depressa e bem, ainda que, do estrito ponto de vista da ortodoxia e da praxe moral, nem sempre assim fosse<sup>4</sup>. Mesmo se implicita-

<sup>2</sup> Cf. Vieira 1997b, pp. 372-373. Eventualmente com o pensamento em contestados círculos de oração mental da Saboia desses anos, tendo questionado o Padre António Vieira, então em Lisboa, sobre a origem da falada «heresia dos iluminados», o diplomata Duarte Ribeiro de Macedo, recém-transferido de Paris para Madrid, lia, numa carta de 6 de março de 1679, a si enviada pelo insigne jesuíta, que ela — «como todas estas [heresias] dos próximos tempos» — tinha as suas «raízes nos vícios», ou seja, na falta de domínio da «carne» por parte daqueles que presumiam, mesmo assim, poder subir alto na vida do espírito. Conforme se verifica, o *cliché* relativo aos *alumbrados* estendia-se agora a situações paralelas, próximas no espaço e no tempo...

<sup>3</sup> Cf. Belchior 1953, pp. 240-256. Veja-se também Ricard 1970, pp. 222-240.

<sup>4</sup> Neste âmbito, permitimo-nos remeter para o nosso livro consagrado ao estudo do quietismo e anti-quietismo em Portugal: Tavares 2005, caps. II, IV, VII e VIII.

mente, a abordagem satírica não deixa neste caso imune — bastante injustamente — um tipo de orientação espiritual e pastoral missionária como a protagonizada no terreno pelo *fradinho*. O jesuíta Vieira alinhava, naturalmente, pela orientação do seu Geral e pela escola mais racionalista e «asceticista» dos teóricos inacianos, adversários dos «modernos contemplativos» e em Roma seus grandes impugnadores, ao longo de um aceso debate doutrinário, situado sobretudo entre 1675 e 1687 (Tavares 2005, pp. 90-91).

Vale a pena talvez alargar o exercício de rastreio acerca da grande liberdade crítica e expressiva, com a qual, muito crua e racionalmente, António Vieira vai ironizando sobre as impressionantes pregações de António das Chagas. Referindo-se à capital lusa, cidade mais do que uma vez palco glorioso de atuação de ambos os oradores, e onde Vieira era então recentemente chegado (experimentando uma embirrenta «falta de dentes» prenunciadora da velhice e, sobretudo, dolorosas más vontades, estimuladas pela inimizade contra si do Santo Ofício), o jesuíta há de, em plágio a Duarte Ribeiro de Macedo, seu interlocutor, amargamente evocar «a nossa Babilónia» (*Carta LXXIX*, 1675 set. 23, Lisboa, em Vieira 1997a), onde, poucos meses antes, parecia ser «Frei António das Chagas profeta daquela Jerusalém» (*Carta LXXII*, 1675 abr. 30, Roma, em Vieira 1997a) ou ser, ainda neste mesmo horizonte metafórico — conforme vimos —, «um Jonas» enviado para a conversão dos ninivitas (cf. *infra Carta LVII*, 1675 jan. 1, Roma, em Vieira 1997a). Esse ano de 1675, em cujo verão Vieira regressa a Portugal, é absolutamente crucial. Nele, Duarte Ribeiro de Macedo, amigo e interlocutor privilegiado do pregador jesuíta, com quem partilhava sentimentos políticos reformadores, conclui o seu importante *Discurso sobre a Introdução das Artes no Reino*. Munido do seu «viático», um formidável breve pontifício que expressamente isentava António Vieira da inquisição portuguesa, mantendo-o apenas sujeito ao Santo Ofício romano, em 22 de maio desse ano, o sacerdote regressa a Portugal, chamado pelo príncipe regente, e em 25 de agosto, em semana de serviço no paço do conde de Vilar Maior, D. Pedro, rodeado de fidalgos da corte e magistrados superiores da inquisição concede-lhe audiência. Esse beija-mão deixa-lhe sabor amargo, dado apenas «ter achado o agrado que se não nega, nas primeiras vistas, ainda aos mais estranhos»... e nada mais (*Carta LXXVIII*, 1675 ago. 26, Lisboa [a] Duarte Ribeiro de Macedo, em Vieira 1997a). A necessidade de manufaturas e de criação de companhias de comércio portuguesas numa lógica mercantilista, as reformas da economia e da administração para autossuficiência e prosperidade do reino, as ideias europeias transpirenaicas em que ambos os interlocutores abundavam, entram aqui em delicadas zonas de forte colisão com a mentalidade social prevalecente e a praxe inquisitorial lusa, de modo especial relativamente aos empreendedores e cabedais cristãos-novos que urgia libertar e mobilizar em prol do bem comum. A frieza (humanamente tão injusta) daquela audiência refletia a conjuntura e pano de fundo desse tipo de debates...

Sem maior extensão (pois os factos são conhecidos), vale a pena sumariamente recordar que atendendo a qualificadas queixas apresentadas, nomeadamente pelo Padre António Vieira, o papa Clemente X suspendera, por breve de 3 de outubro de 1674, a inquisição portuguesa,

para exame das formas processuais do seu uso. Ora nesta mesmíssima *Carta LXXVIII* em que dava conta da «melancólica» audiência referida, já Vieira dava notícias a Ribeiro de Macedo sobre as instruções diplomáticas que lhe constava terem sido dadas em Lisboa ao bispo de Lamego, D. Luís de Sousa, nomeado embaixador junto da Santa Sé. Sabe-se que, entre outros pontos, lhe competiria envidar todos os esforços para obter o cancelamento da referida suspensão, uma situação que só seria alcançada em 1681, no pontificado de Inocêncio XI, êxito tardio<sup>5</sup>, já de final de missão, mas maior do que os obtidos pelos protestos e memoriais apresentados pelo mesmo diplomata à Santa Sé, relativos aos conflitos entre a *Propaganda* e o padroado português (Tavares 1999, pp. 215-217; Rêgo 1940, p. 55). Nesta matéria do diferendo inquisitorial nacional com o papa, ao preparar-se para, de Roma, rumar a Portugal, António Vieira percebe que, apesar de tudo, de todas as dificuldades e discretas friezas e omissões que antecipa, o ambiente, por cálculo e estratégia do lado dos seus adversários, já não será tão crispado. Na já aludida *Carta LXXII* a Ribeiro de Macedo, Vieira julga saber que inquisidores e conselheiros de estado já se iam «desenganando» e não se queriam meter em novos pleitos, assinalando que — surpreendentemente — até o Padre Chagas num *Sermão da Samaritana* falara com clareza e zelo na necessidade de obediência à Sé Apostólica. Conforme se verifica, a ideia que António Vieira fazia de António das Chagas, também em matéria inquisitorial, era muito desfavorável a este.

Conforme a leitura do trecho extenso da *Carta* que seguidamente transcrevemos, o *fradinho*, tendo «na mão os corações de todos» os poderia «mover a quanto quisesse», temendo-se que, se seguisse ele a massiva opinião ou preconceito do vulgo, metendo-se no debatido «ponto da fé», pudesse «ocasionar algum alvoroço semelhante ao do tempo de El-rei D. Manuel»; ou seja, à luz das suas informações do reino, temia Vieira que, por excitação da tensão ambiental vivida, o missionário varatojano ocasionasse alguma sublevação do povo contra os cristãos-novos, desfeiteando a ordem vigente. Ora nada menos provável e infundados receios estes, segundo os factos vieram a demonstrar à saciedade. Na capital e nas diferentes terras do país, da passagem missionária do Padre Chagas, ficariam geralmente espetaculares conversões e reconciliações, associadas à instituição da prática da oração mental pública e outras devoções, com habitual alargamento exponencial dos efetivos das ordens terceiras, meios pelos quais se renovava, no espírito franciscano, a vida espiritual dos leigos<sup>6</sup>. Entre estas admiráveis — e, com a passagem do tempo, nem sempre sólidas reconciliações —, cumpre situar o empenho do fundador do seminário missionário do Varatojo em dissipar más «famas» públicas, geradas de acusação de «raça de cristão-novo» ou do propalado rumor de «impureza do sangue». Assim, na sequência das missões por si levadas a efeito nas faldas da Serra da Estrela (Melo, Nabais e Nabainhos), vemo-lo obter que se desdissem «o padre prior de Nabainhos e todos

<sup>5</sup> Sobre a resistência da inquisição portuguesa às iniciativas romanas de exame, cf. por exemplo: ASV. *Nunziatura di Portogallo*, 158, fl. iii; ANTT. *Conselho Geral do Santo Ofício*, liv. 223, maç. 5, n.ºs 2144 a 2215.

<sup>6</sup> Cf. informações convergentes, coligidas nomeadamente por Godinho 1728, pp. 58-63 e *passim*, e por Belchior 1953, pp. 331-340, muitas delas resultantes da própria obra escrita e publicada do missionário franciscano.

os de sua facção» que por ódio haviam tachado de «judeus» alguns proeminentes membros de famílias da nobreza local, cuidando de desse facto dar pronta e diligente relação ao Santo Ofício (Fraga 1993, pp. 186-188). O receio de que Frei António das Chagas pudesse ocasionar quaisquer agravamentos nas pulsões antissemitas da população revelou-se, pois, atoarda sem fundamento, que alguém (do seio da própria Companhia?) fez chegar aos ouvidos de António Vieira e que este, em estilo de sátira elegante, reproduziu em passagem epistolar ao seu amigo e ilustre correspondente.

4. Não é difícil perceber que o seu muito próprio estilo epistolar obriga a «ler» António Vieira no quadro do que entende por objetivas razões políticas impostas pelo momento (Hansen 2008, p. 279). Sirva de exemplo a forma enérgica com que numa outra carta ao mesmo seu amigo, referindo-se à derrogação prática, por parte de Roma, dos direitos do padroado português do Oriente, instava firmemente com os responsáveis pela condução da política diplomática portuguesa:

*O meio que isto tem é não ter meio. Portugal não há-de ceder do seu direito, e a Igreja e cristandade não se pode conservar com estas divisões. O que convém é que o nosso príncipe nomeie todos os bispos, que a Congregação [da Propaganda Fide] não mande outros, e que faça retirar aos que tem mandado; e que se o Papa julgar são necessários outros, Portugal os nomeie e vão por via de Portugal. E que no Reino, em Roma, e em toda a parte insistassemos todos nisto, sem fazer pés atrás nem abrir porta ao contrário, sob pena de sermos arruinados por esta brecha, que por tantas vias se está batendo (Vieira 1997a, t. 2, p. 539).*

O futuro se encarregaria de mostrar como e em que elevado grau Vieira acertava no alvo. Sendo a fasquia preconizada, baseada em direitos reconhecidos pela Sé Apostólica, já bem alta, sublinhava o jesuíta, com amarga ironia, a Duarte Ribeiro de Macedo, a diversidade das circunstâncias e dos homens: havia pouco tempo ainda, João Nunes da Cunha, sendo vice-rei, «pouco antes de morrer» escrevera uma carta ao cardeal Orsini, «em que lhe dizia (palavras formais) que, se à Índia fossem bispos não nomeados por el-rei de Portugal, os havia de mandar enforcar na praça de Goa, ainda que fosse com o risco de a Congregação de Propaganda os declarar por mártires». Aparatosa e frustrada ameaça. E rematava Vieira, com um gracejo (*Carta CCLXIII*, 1673 jan. 3, Roma, em Vieira 1997a): «Até aqui aquele nosso amigo, que deixou em Portugal poucos herdeiros de sua resolução e espíritos» (Vieira 1997a, pp. 554-555)...

Ainda em matéria de estilo de pregações missionárias, percebe-se que António Vieira carregasse nas tintas, quase com intenção pejorativa, relativamente a essas «novidades»: «ceremónias não usadas dos Apóstolos, como mostrar do púlpito uma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes um Cristo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes, como lançar do púlpito um crucifixo sobre o auditório»... Embora exímio na mobilização de técnicas de escrita «aguda» e «engenhosa», Vieira mantinha uma racionalidade clássica e escolástica, baseada no «poder» da palavra, sendo reativo a estes «novos» processos

comunicacionais que, afinal, visavam instilar nos povos missionados, grandes e envolventes sensações, consideradas mais capazes de conduzirem, com eficácia e rapidez, a radical mudança de vida. E, todavia, não obstante a reação de Vieira, as outras ordens religiosas missionárias, e entre elas a própria Companhia de Jesus e o Oratório, encarreaririam também na prática desta pastoral de choque e de medo. Reagiria Vieira ao «pioneirismo» varatojano? Possivelmente. A argumentação do jesuíta invoca um conjunto de temas que inserem a «arte de pregar» e as suas formas e objetivos no cerne da carta a Ribeiro de Macedo. Por um lado, verberam-se, ainda que não explicitamente, os meios, por outro, condenam-se os fins atingidos pelos perigos que envolvem. E os meios não relevam do domínio das palavras, embora este como que exista em fundo, mas do domínio dos gestos e de alguma teatralidade que concede aos movimentos do corpo uma importância similar às palavras ditas, tornando a capacidade discursiva uma espécie de segunda natureza que envolve palavra e gesto. Como não lembrar, neste contexto, as regras da «arte de pregar» que Vieira enuncia no *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real em 1655, num tempo em que Frei António das Chagas não era ainda o *fradinho*? Nesse tão conhecido e paradigmático sermão, que abre muitas das coletâneas de sermões do jesuíta que, em traduções, circularam na Europa, Vieira destaca, no conjunto de princípios que define, a necessidade de um estilo «muito fácil e muito natural» que opõe àquele que «hoje se usa nos púlpitos?» [...]. Um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda natureza?». Não importa, neste momento, se a leitura que tem sido feita destas passagens em clave «pré-iluminista» é pertinente. Julgamos que não e que corre o risco de alguma «anacronia» (Pécora 2021). De resto, nem o estilo de Vieira, como já tem sido notado, é sempre «muito fácil e natural», dependendo dos objetivos pragmáticos do sermão (Mendes 1989, p. 100; Hansen 1999, pp. 25-38; Pécora 2016). Em todo o caso, importaria aqui notar, apesar da aparente «impossibilidade» temporal, que os exemplos aduzidos pelo jesuíta, no *Sermão da Sexagésima*, parecem conter em filigrana a alusão à figura e sobretudo aos comportamentos de Frei António das Chagas, embora tal não tivesse sido possível, obviamente, na data em que o sermão foi pronunciado. Recordemos dois momentos: em primeiro lugar aquele em que Vieira descreve, no mesmo *Sermão da Sexagésima*, o pregador:

- «Sobe talvez ao púlpito um pregador dos que professam ser mortos ao Mundo, vestido ou amortalhado em um hábito de penitência (que todos, mais ou menos ásperos, são de penitência; e todos, desde o dia que os professamos, mortaldas); a vista é de horror, o nome de reverência, a matéria de compunção, a dignidade de oráculo, o lugar e a expectação de silêncio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve?».

Em segundo lugar, destaquemos a referência:

- «Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que

semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pegar-lhes-ão a semente; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semente, e hão-de-lhes de contar os passos. Ah! dia do juízo! Ah! pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais Paço; os de lá, com mais passos...».

Pregado em 1655, num tempo em que Frei António das Chagas não era ainda franciscano, como atrás se acentuou, o *Sermão da Sexagésima* foi interpretado como verberando a pregação dos dominicanos com quem Vieira mantinha conhecidas dissensões. Talvez valha a pena, porém, considerar a hipótese, tendo em conta o que se sabe sobre as condições de publicação dos sermões do jesuíta, muitos anos depois, em 1679 (Vieira 1679) — e de um modo geral de toda a parenética —, que a versão impressa possa não coincidir exatamente com a versão «pronunciada», na medida em que a «lição» que chegava à impressão resultava de revisões e acertos que, no caso de Vieira, o próprio admite, acentuando que muitos dos seus sermões circulavam clandestinamente em cópias impressas e manuscritas não controladas<sup>7</sup>. No quadro da reescrita a que Vieira procede nos últimos 18 anos de vida, não será difícil considerar, como sugerem Alcir Pécora e João Adolfo Hansen, que o jesuíta tenha alterado passagens em função dos contextos em que a edição se fazia (Hansen 1999, pp. 25-38). Trata-se de uma questão complexa de difícil resolução, mas é muito provável que sendo as condições contextuais diferentes e o lapso temporal amplo, Vieira possa ter procedido a modificações. Desse ponto de vista, não seria completamente improvável, no quadro da carta a Ribeiro de Macedo, que os exemplos do *Sermão da Sexagésima*, de pregadores que usam efeitos de «comédia» e se preocupam primordialmente com as chamadas missões de interior, uma espécie de «Índias de cá», visassem Frei António das Chagas e os pregadores do Varatojo, ou, de algum modo, os tomassem como paradigma, no sentido em que, para os leitores do tempo da publicação dos sermões, eles constituiriam exemplos mais próximos e conhecidos, criando uma moldura de interpretação. Atrévemo-nos a aventar que mesmo que as passagens fossem rigorosamente iguais, a interpretação de quem ouviu, em 1655, e a de quem lia, em 1687, seria provavelmente diversa, no sentido em que os referentes mais próximos se tinham alterado. O que será seguramente pacífico é que, ao lermos hoje as descrições missionárias dos anos 20, 30 e 40 de Setecentos do jesuíta Gabriel Malagrida, que no Maranhão se encaminhou pelos vestígios apostólicos aí deixados por Vieira<sup>8</sup>, encontramos um «arsenal» de linguagens,

<sup>7</sup> Mendes 1989, p. 21; Pécora 2021. De acordo com a investigação desenvolvida por Arêdes 2023, antes de 1679, tanto quanto se sabe, há apenas um folheto impresso em Nápoles, em 1668, intitulado: «Maravigliosa Predica per fare Veri Predicatori del P. Antonio Vieira della Compagnia de Giesù. Sopra le parole di S. Luca a' glotto Semen est Verbum Dei. D'onde avvenghi che predicandosi tanto, e da tanti nel tempo di Quaresima, si vede così poco frutto» Existe um exemplar em Nápoles, na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele III (RACC.VILL. Misc. 270.6) e outro em Palermo, na Biblioteca Centrale della Regione Siciliana Alberto Bombace.

<sup>8</sup> Cf. Mury 1875, pp. 17, 92, e *passim*. O autor confessa (p. XXVIII) que as particularidades da vida de Malagrida que reproduz, as auferiu em um texto latino manuscrito, composto em Roma em 1762 pelo Padre Matias

processos comunicacionais e estratégias pastorais muito idênticas às que inaugurou o fundador do Varatojo. Na Baía, em Olinda e Recife, como noutros núcleos urbanos do Brasil colonial, nas suas missões, as mesmas cerimónias «espetaculosas», impressionando «penetrantemente» os auditórios, sobretudo em torno da pregação dos novíssimos e da urgência da conversão de vida, envolvendo procissões de penitência, cruces, correntes de ferro, macerações, disciplinas, autoflagelações (de que o pregador dava cruento exemplo), coroas de espinhos e exposição de uma caveira<sup>9</sup>.

Será de espantar que, no Brasil, este futuro mártir da Companhia de Jesus em choque com o cesarismo iluminista de Pombal, se tenha revelado missionário de socorro e ao serviço de um prelado reformador jacobeu, acossado pela rivalidade jurisdicional dos magistrados régios reinóis e dos descontentes sociais do seu rigorismo disciplinador, como foi D. Frei Luís de Santa Teresa, bispo de Pernambuco<sup>10</sup>?

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

#### Manuscritas

##### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Conselho Geral do Santo Ofício*, liv. 223, mc. 5, n.ºs 2144 a 2215.

##### Archivio Segreto Vaticano

ASV. *Nunziatura di Portogallo*, 158, fl. iii.

#### Impressas

GODINHO, Padre Manuel (O.F.M.), 1728. *Vida, virtudes e morte [...] do Venerável Padre Fr. António das Chagas*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.

---

Rodrigues, um dos companheiros de apostolado do biografado; tinha por título esse manuscrito «da biblioteca dos Bolandistas, por quem lhe fora «generosamente comunicado»: *De vita V.P. Malagridae, natione Itali, pátria Menasiensis, e Societate Jesu, Socii V. Provinciae Maragnonensis insignis que Missionarium apostolicorum prototypi, libri quatuor, a quodam ex eadem societate ac V. Provinciae Presbitero (Mathia Rodriguez) elucobratí, anno a partu Virginis MDCCCLXII*.

<sup>9</sup> Cf. Mury 1875, p. 90: «[...] palavra enérgica e cálida, facilidade grande de frasear, meneios expressivos, acentuação sonora, enfim dulcíssima unção; por modo que o ouvi-lo era prazer insaciável; às vezes, porém, a sua voz acentuava-se tão estridente que fazia arpejos e estrugia no recôndito da alma. Aqui vem de molde esboçar o método que o venerável jesuíta adoptou nas suas missões. Nos primeiros dias, quer na igreja quer nas praças, quando a igreja era pequena, desenvolvia ferosamente as terríveis verdades da fé: pecado, morte, inferno, juízo final, etc. Como se não lhe bastasse aterrar o espírito dos fiéis com estes abrasados discursos, o santo pregador, assim que acabava um sermão, pegava d' uma corrente de ferro e flagelava-se com ela publicamente da forma mais cruel, deixando só de lacerar os hombros ensanguentados, quando cahia esvahido de forças». Documentando os outros elementos que deixamos anotados, cf. ainda Mury 1875, pp. 91, 92 e 109.

<sup>10</sup> Cf. Depoimento contextual coligido em Mury 1875, p. 88, datado de 1742, em harmonia com aquilo que expõe Queirós 2012, p. 82.

- MURY, Padre Paulo (S.J.), 1875. *História de Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus*. Traduzido do francês [do original francês, editado em Paris, ed. Charles DOUNIOL, 1865] e prefaciado por Camilo CASTELO BRANCO. Lisboa: Livraria Editora Matos Moreira & C.<sup>a</sup>.
- VIEIRA, Padre António (S.J.), 1997a. *Cartas*. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de AZEVEDO. Lisboa: INCM. Tomo II.
- VIEIRA, Padre António (S.J.), 1997b. *Cartas*. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de AZEVEDO. Lisboa: INCM. Tomo III.
- VIEIRA, Padre António (S.J.), 1679. *Sermoens do P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, Pregador de Sua Alteza. Primeyra Parte. Dedicada ao Principe N. S.* Lisboa: Joam da Costa.

## Estudos

- ARÊDES, Ana Elisa Silva, 2023. *As redes de recepção do padre António Vieira: os circuitos do livro na Europa (1660 – 1770)*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BATTISTINI, Andrea, 2000. *Difinizione e storia di due concetti storiografici*. Em: Andrea BATTISTINI. *Il Barocco*. Roma: Salerno Editrice, pp. 17-24.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1980. *Os Homens e os Livros. Séculos XIX e XX*. Lisboa: Verbo. Vol. II.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1953. *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo, 1983. *El Espíritu del Barroco*. Barcelona: Editorial Crítica.
- FRAGA, João Baptista de Almeida, 1993. *Melo na História e na Genealogia*. Lisboa: [s.n.].
- HANSEN, João Adolfo, 2008. Para ler as cartas do Pe. António Vieira (1626-1697). *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, (8-9), 264-299.
- HANSEN, João Adolfo, 1999. Vieira e a agudeza. Em: Joaci Pereira FURTADO, coord. *António Vieira, o imperador do púlpito*. São Paulo: Universidade de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros, vol. 1, pp. 25-38.
- MENDES, Margarida Vieira, 1989. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho.
- PÉCORA, Alcir, 2021. Contra os Cultos (1). *Rascunho. O jornal de literatura do Brasil*. 2021-06-01, 254 [consult. 2026-01-16]. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/conversa-escuta/contra-os-cultos-1/>.
- PÉCORA, Alcir, 2016. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de António Vieira*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- QUEIRÓS, Helena, 2012. Jacobea e redes clientelares. Fr. Luís de Santa Teresa e Fr. João da Cruz (O.C.D.): (Auto) retrato de dois irmãos em Braga (1730-1735). *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto, Série IV Série, 2, 79-95.
- RÊGO, António da Silva, 1940. *O Padroado Português do Oriente*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- RICARD, Robert, 1970. La doctrine spirituelle de Fr. António das Chagas d'après ses principales lettres. Em: Robert RICARD. *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português, pp. 222-240.
- RICO, Francisco, 1990. *Texto y contextos: Estudios sobre la poesía española del siglo XV*. Barcelona: Editorial Crítica.
- RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando, 1999. *La península metafísica. Arte, literatura y pensamiento en la España de la Contrarreforma*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas, 2005. *Beatas, inquisidores e teólogos. Reacção Portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: CIUHE.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas, 1999. Ritos e rixas orientais: os prelados de Goa e Macau perante o legado papal Mailard de Tournon. Notas sobre o contexto da reacção sino-portuguesa. Em: AA.VV. *Miscelânea*. Porto: FLUP, pp. 215-217. Col. Gâmica, 3.

## APÊNDICE

Da CARTA LVII, 1675 jan. 1, Roma [a] Duarte Ribeiro de Macedo. Em: Padre António VIEIRA (S.J.). *Cartas do Padre António Vieira*. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de AZEVEDO. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, p. 176.

«[...] De novo só posso dizer o que também me acrescenta não pouco este temor, e com o mesmo me o escrevem de Lisboa concordemente três pessoas, que eu reputo pelas mais zelosas do serviço de S. A. e bem do reino, sem mais interesse que o mesmo bem: e é que, poucos dias antes do último correio, partido aos 13 de Novembro, se tinha ouvido em Lisboa um Jonas pregando: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur*. Este homem, que pode ser seja conhecido de V. S.a, é um capitão, grande poeta vulgar, chamado antigamente António da Fonseca, o qual se meteu frade de S. Francisco haverá oito ou dez anos, e hoje se chama Frei António das Chagas. Haverá dois ou três anos começou a pregar apostólicamente, exortando a penitência, mas com cerimónias não usadas dos Apóstolos, como mostrar do púlpito uma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes um Cristo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes, com as quais, e com a opinião de santo, leva após si toda Lisboa. Prega principalmente na igreja do Hospital, concorrem fidalgos e senhoras em grande número, e uma vez lançou do púlpito entre elas um crucifixo, a que se seguiram grandes clamores; e com isto se entende que o dito pregador tem na mão os corações de todos, e os poderá mover a quanto quiser, temendo-se que, se seguir a opinião ou apreensão vulgar, e se meter no ponto da fé, poderá ocasionar algum alvoroço semelhante ao do tempo de El-rei D. Manuel, não longe do mesmo lugar onde prega. E verdadeiramente que a consideração do lugar, a circunstância do tempo, a disposição dos ouvintes; e ser o Jonas soldado, poeta, e frade; e não acudirem a estas extravagâncias os que costumam fazê-lo com menores fundamentos; prenúncios podem ser de alguma tempestade, que, se não se levantou nos primeiros dias, pode ser que se vá armando para o fim dos quarenta, que tantos são os sermões que tem prometido, e vai sucessivamente continuando todos os dias. Algum ou alguns dos mesmos que me fazem este aviso propuseram o seu temor a quem devera remediar, mas sem efeitos. Assim costumam ser os das fatalidades, e a minha melancolia é mais pronta a crer desgraças que felicidades.

Deus guarde a V. S.a como desejo.

Roma, i.º de Janeiro de 675. — Capelão e criado de V. S.a

António Vieira»